

NOVEMBRO

○ RISO ○

№
80

BRUN



ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO Á VENDA :

| | |
|--|--------|
| Album de Cuspidos, (3. ^a serie) | 1\$000 |
| A Família Beltrão. . . | 1\$500 |
| O Chamisco | 1\$500 |
| Entra, Senhor !.. | 1\$500 |
| Variações d'Amor. | \$800 |
| Comichões... . | \$800 |
| Horas de Recreio | \$600 |

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

| | |
|-----------------------|----------|
| Um. | 200 réis |
| Seis.. . . . | 1\$000 > |
| Pelo correio. | 1\$500 > |

O CHAMISCO ou **O querido das mulheres**
Preço 1\$500 — pelo correio 2\$000

ESTA' A' VENDA

6 sensacional romance de actualidade

ENTRA, SENHÓR!...

cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000



Semanario artistico e humoristico

NUM. 80

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II

CRONIQUETA

Além da «festa da bandeira», que esteve realmentente linda e se viu, quando mais não fosse, para *revelar* alguns *poetas*... de meia tigela, tivemos como principal assumto da semana o caso daquelle tal Firmino de Carvalho, esse satyro, que, segundo as gazetas, fez um estrago dos diabos naquelas sete pobres meninas a quem o malandro seduzia com docinhos e retalhos de fazenda...

Mas, si as gazetas dizem que as meninas foram violentada: e o laudo apresentado pelos medicos legistas declara que as rapariguinhas não estão de todo perdidas, o que fazia então o patife do Carvalho?

Ora... o leitor que não é por certo nenhum arara, vê logo que o typo adotava a teoria do famigerado Guveia, e... dahi applica-a nas meninas, causando-lhes grande estrago, na verdade, mas não as inutilizando para o futuro...

Agora, dize lá, leitor, que castigo merece esse camarada? Não era bem ido que lhe applicassem a pena de Talião, para ele ficar sabendo que a pimenta... (ou coisa que o valha...) não arde apenas no... *pescoço* dos outros?...

Era bem ido, era, porque... quem com *ferro* fere... com *ferro* deve ser *ferido*...

* * *

Voltou novamente á baila essa questão do aumento do preço da carne-verde, que, diga-se de passagem, já vae fazendo com que um cidadão fique *amarelo* de de raiva e *rôxo* por desandar o pau no lombo dos taes senhores marchantes.

Realmente, isto já passa a ser desaforo e esse aumento não tem a minima razão de ser, muito principalmente pelo motivo apresentado: a falta de gado para ser abatido.

Ora, toda a gente sabe que esse mo-

tivo não subsiste, porque nunca houve falta de gado aqui no Rio... pelo contrario: ha muito bom *boi* para ser abatido e o que não falta por ahí são matadouros.

Já se vê, portanto, que isto não póde continuar assim, nórmente havendo por ahí vaccas a valer...

* * *

Afinal, o duelo do deputado Mauricio de Lacerda com o tenente Plinio deu, ao que parece, em agua de barrela com a prisão deste justamente por ter desafiado aquele.

Ha quem diga, no entretanto, que o deputado Mauricio não está pelos autos de *ergulir* o desafio, e espera que o tenente obtenha a soltura — salvo seja! — para então realizar o encontro, que por sinal, dizem, vae ser a pistola.

Ora, *pistolas* para a escolha! Admira até que o deputado Mauricio ainda vá nessa *fita* de duelo! Não estamos mais nesse tempo; isso era bom para os espadachins de remotas eras; hoje decidem-se as questões, quaesquer que sejam, por um modo mais racional e menos ridiculo: — a *muque*...

D'ahi, póde ser que s. ex. se resolva a aceitar o nosso conselho, e, reconhecendo afinal a verdade, mande o duelo á fava, para deslindar a questão por outra maneira menos perigosa e mais a brasileira...

* * *

Para fechar a rêsca da *Croniqueta*, vem a proposito um caso de policia, já noticiado pelos nossos colegas grandes, mas que, apesar dos pesares, isto é, apesar de não ser caso para troça, pede um commentario.

O caso, talvez o leitor já o conheça, é aquele do empregado de uma *garage*, um tal Albertino Louça (pelo nome não

O PISO

perca) o qual, convidando uma menor para um passeio de automovel, acabou por levá-la a uma hospedaria, onde sob promessa de casamento, acabou também por fazer com que a pequena gemesse ao peso do *pneumatico* e... ficasse com o dela esbandalhado...

E' verdade que depois disto o tal Louça foi parar no estado maior de grades da policia, mas também é verdade que a respeito de *louça*... a pequena ficou sem um *pires*...

E agora, leitor, ^{*}adêus, até... o assumto nem por isso abunda, e quando não abunda o cronista tem mesmo de chuchar no dedo e dar com o basta, que é o que eu faço agora muito gostosamente.

Deiró Junior



UMA DE S. EX. — Tendo estado o Chantecler em conferencia com s. ex., aconteceu que, ao sair, se esquecesse do guarda-chuva.

Chegando á casa, Chantecler dando pela falta, correu ao te'ephone e falou para palacio. O acaso quiz que fosse mesmo s. ex. quem o attendesse.

— E's tu, Chantecler ?

— E's tu, Pachá ?

— Sim. Que ha ?

— Vê se não deixei o guarda-chuva ahí.

S. Ex. deu uma volta de olhos pela sala e encontrou o objecto. Correu pressuroso ao phone e alegre com o guarda chuva á mão indagou do seu grande amigo :

E' este, Chantecler ?



A RESPOSTA

Naquelle domingo, como amanhecesse muito azul e cantante, o dr. Esperidião scismou em dar um longo passeio com a sua cara metade pelos arredores da cidade.

Mme. Esperidião era ainda bella e moça e, com os annos, longe de lhe arrefecer o amor, mais cresceu e a dominava.

Consultando a mulher, ella accedeu logo e logo o dr. Esperidião chegou ao telephone e pediu ligação para a *garage* Tres Estrellas.

— Já, disse elle ao phone; Já um Renault 30 H. P

Em seguida, ainda consultou Mme. sobre o lugar. Mme. não se decidia e elle aventou :

— Leme.

Mme. fez um momo de enfado e elle indagou solícito :

— Não gostas ?

— Não... é commum.

— Vamos então á Cascadura.

— Oh! por Deus! Manfredo! Nem tanto nem tão pouco...

Bem. Então, onde queres ir? Ao jardim ?

— Vamos ao Jardim Zoologico .. Ha muito que não vou á Villa Izabel.

— Prepara-te.



Dentro em pouco estava á porta do doutor, o Renault a fonfonar e, logo, Mme. appareceu numa deliciosa toilette de verão e coberta com um amplo chapéo cheio de ferros

e bolotas.

Fizeram um pequeno *lunch* e embarcaram no Renault 30 H. P que immediatamente desceu as ruas de Botafogo e do Cattete e entrou victorioso pela Avenida Central.

Pararam á porta de uma confeitaria, pois o dr. tinha sede e tivera desejo de tomar uma cerveja.

Mme. aceitou um sorvete, comeu a metade de uma «maravilha» e logo retomaram os seus lugares no automovel.

Desceram a Avenida, tomaram a rua Larga, fazendo, marido e mulher, o caminho sempre calados.

Ahi pela altura da praça Onze de Junho, o dr. Esperidião pode dizer :

— Como tudo isto está mudado...

Mme. acudiu sem mais enthusiasmo :

— E' verdade.

O Renault continuou a deslizar: Haddock Lobo... S. Francisco... Villa Izabel... Praça Sete... Jardim...

Saltaram e, munidos das entradas, penetraram no novo pobre Jardim Zoologico.

Andaram de gaiola em gaiola, sempre calados, quando, diante de um veado, com uma immensa gahada, o dr. disse :

Não sei como esse animal póde andar com esses chifres.

Mme., distrahida, respondeu :

— Conheço quem tenha maiores e anda perfeitamente.

Hum.



EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“O RISO”

deverá ser remettida á sua redacção á

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem. 19.000 exemplares.

Numero avulso.. 200 réis

Nos Estados. . . 300 réis

Numero atrazado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital. 10\$000

Exterior.. . . . 12\$000

O meu duello

Tendo desafiado o deputado Sempre-fita para um duello, resolvi pela ultima vez palmilhar a rua do Ouvidor.

Vesti-me convenientemente e dirigi-me para a grande arteria. Logo ao chegar, ahi pelo Java, topei com o meu amigo Mauricio.

Falou-me :

--Como vaes Chico ?

--Bem.

--Então te bates mesmo ?

--Quem te falou nisso ?

--Ora !

--Dize !

--O Caixeiro da casa de armas..

--Que te disse elle ?

--Que havias comprado um par de pistolas e que as pedira da melhor qualidade, pois ias te bater em duello.

--Indiscreto.

Continuei o meu caminho e ahi pela altura da rua Gonçalves Dias dei de cara com o meu elegante amigo Ignacio, que foi logo dizendo :

--Quando é o duello ?

--Que duello ?

--O teu !

--Quem te falou nisso.

--Foi o teu barbeiro, que me contou que tu lhe havias dito que se preparou para fazer-te a barba uma manhã dessas, pois tinhas que te bater em duello.

Continuei o meu caminho e estava quasi a chegar a Avenida, quando um conhecido meu, cujo nome não sei, atracou-me e disse:

--Que diabo de duello é esse teu ?

--Quem te contou tal coisa ?

--A Eponina.

--Onde ?

--Na Colombo, hontem, ella me disse que estava apprehensiva, pois tu lhe havias dito que se ia bater em duello.

--Indiscreta !

Despedi-me do meu conhecido, cujo nome não sei, e continuei o meu caminho.

Cheguei á porta do Garnier, onde dei com um cardume de poetas, jornalistas e literatos. Todos diziam o mesmo :

--Então você vae bater-se ?

--E o Sempreviva sabe atirar ?

Depois de todas essas investigações indaguei :

--Como é que vocês sabem disso ?

--Está no «O Seculo».

--Como soube disso ?

--Pois não mandaste o Bricio para teu medico ?

--E' verdade. Indiscreto !

Conclui que, no Brazil, ninguem sabe guardar segredo... nem mesmo eu.

Xim.



Está causando espanto o desaparecimento do Sr. Serzedello dos debates da Camara. Consta que S. Ex. está renovando o stock de pilherias.

Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

41, RUA SILVA JARDIM, 41

Telephone Central 2218

OOOOO RIO DE JANEIRO OOOOO





As desculpas do reporter

A senhora do Fernandes, reporter de um dos jornaes da capital, era uma criatura ciumenta a valer. Não havia dia em que ella não descobrisse uma «tratantada» do marido que na verdade, é bom que se diga, não cumpria-seriamente com os seus deveres conjugaes.

De vez em quando a esposa recebia uma carta anonyma, já se sabe, em que se dizia que o marido era infiel, que vivia com outra mulher e por ahí afóra uma porção de accusações ao pobre Fernandes, que «comia grosso» ao chegar em casa.

Mas, escovado como elle era, dava sempre um jeito, e com desculpas e meiguices illudia a pobre esposa que afinal de contas cahia na esparrella da *innocencia* do reporter Fernandes.

—São uns calumniadores, dizia elle franzindo a testa e mostrando no seu todo os symptomas de verdadeira contrariedade.

E o que é facto é que de tudo elle sahia livre.

Entretanto, na rua, era o diabo o *seu* Fernandes. Não havia mulher de «alto corno» que elle não conhecesse de perto. Em todos os clubs tinha elle entrada franca. Sociedades recreativas, carnavalescas etc, etc., a nenhuma dellas elle deixava de ir. Popular e querido como era na «zona» do bom tom, a sua ausencia era sempre sentida e commentada. Um «furão» de marca maior, o *seu* Fernandes.



Mulher que passasse sob as suas vistas, tinha que cahir que era serviço, porque elle entrando com o seu «jogo», lá d'elle, não havia escapatoria, era ali no «molle», para não dizer no «duro».

Se alguém o via nessas lutas, rua abaixo ou rua acima a pé ou de automovel e inquiria a causa d'aquella lufa-lufa, elle respondia sorrindo :

—Não se impressione, amigo velho, eu estou cavando o meu.

Certa vez elle andava passeando, podiam ser duas horas da tarde, com uma «marréca», de braço dado, deslizando suavemente por uma das ruas centraes da cidade, quando passou por elle, num boncé, um amigo que lhe comprimentou.

Este amigo tinha muita intimidade em sua casa, por isso o Fernandes idealizou logo um plano para, no caso que esse amigo contasse a sua esposa que o tinha visto com uma mulher na rua, desapertal-o da situação em que ia ser naturalmente collocado.

Dito e feito. Quando chegou em casa, ali pelas 7 horas da noite, e que se sentou á meza para jantar, teve o seguinte dialogo com a esposa :

—Hoje tive uma grande massada.

—Que foi ?

—E' que andei de Herodes para Pilatos.

—Como ?

—Ora, fui a Prefeitura, á Caixa de Pensões, ao Aparo das Familias,...

—Fazendo o quê, homem de Deus ?

—Dando providencias para que uma pobre viuva possa receber regularmente a pensão que o marido lh'a deixou.

—Viuva de quem ?

—De um companheiro nosso que morreu, e eu fui o encarregado de providenciar no sentido da pobre senhora ter direito ao montepio.

—Está bem. Então a senhora com quem você andava hoje é a tal viuva, não é ?

—Está visto que sim, filha. Mas quem te disse isto ?

Foi o Sr. B. que passando aqui pela porta, disse-me que te havia visto em companhia de uma mulher.

—Pois nem Sr. B. escapa de ser mexeriqueiro ?

—Não lhe queira mal por isso. Não foi por maldade que elle me contou.

E tu levas a mal o serviço que eu fiz em beneficio da viuva ?

—O' ! Não. Dessas eu não tenho medo. Fizeste muito bem auxiliando essa senhora.

.....

O Fernandes ficou contentissimo. Desta vez ainda ainda escapara, enganando a esposa que até das criadas tinha ciumes.

Quasi todo o dia ella mudava de criada, de sorte que o Fernandes via sempre uma cara nova, pela manhã, á hora do café.

Uma certa manhã elle acordou e foi tomar o seu banho ; e a nova criada que ainda não tinha visto o seu patrão, exclamou admirada ao vel-o passar pela cosinha :

—O' xentes, é este o meu patrão, o seu Fernando ? ...

O PISO.



A senhora do Fernandes que estava ali perto, perguntou-lhe:

— É você o conhece? De onde?

— Da Sociedade Fulô do Araçá. Eu dancei com elle.

— Bem. Póde ir embora. Está despedida.

Quando o Fernandes voltou do banho a mulher indagou indignada:

— Você dansou com essa negra que sahio agora mesmo daqui?

— Que negaa?

— A criada que veiu hoje e que eu já mandei embora.

— Pois se eu nem conheço...

— Ella, porém, disse que dansou comigo, uma noite, na Sociedade Flôr do Araçá. Sabe o teu nome e tambem que és reporter.

— Póde ser. Póde ser. Tenho dançado com tantas, obrigado pela minha profissão...

Então, não é por prazer que danças?

— De certo, minha filha. São exigencias de reportagem. Eu vou a tantos logares representando o jornal...

Sevêtse.



Estamos informados que o Dr. Frontin é o maior proprietario de automoveis de aluguel, no Rio de Janeiro. Só assim se explicam os innumerados desastres que estão causando.



COMICHÕES

E' este o título de um pittoresco livrinho contando coisas do "Arco da Velha" e todo illustrado com soberbas e nitidas gravuras.

PREÇO \$800 (o) (PELO CORREIO 1\$200)

Pedidos a A. REIS & C. - R. DO ROSARIO, 99
Telep. 3803 - (RIO DE JANEIRO)



Bellezas de hortaliça

O nosso amigo B. Vianna Junior, parece não querer deixar de figurar todas as semanas na nossa collecção.

O inesperado Vieira Fazenda, do «Correio da Manhã», dominical, a 17 do corrente, perpreitou esta maravilha:

«A cavalleiro da praça, onde se levanta o monumento commemorativo da descoberta do nosso paiz; pairando sobre o local em que Cabral, pela primeira vez, pisou a terra brasileira, ergue-se a capella.

Meu caro Vianna, você deve abrir novamente o seu Lacerdinha, por perguntas e respostas.

Faça isto quanto antes se não quer o sympathico autor da historia das nossas igrejas cair em peiores.

* Vamos tratar agora da sybilla graphologica da «A Epocha».

Eis o que escreve a pythoniza do curioso jornal, em 16 do andante:

MLLE. MARIA — Pouco caprichosa, escreve pouco e é um tanto apreciadora dos romancs tragicos. E' concentrada, critica, falla muito, birrenta, disfarçada e não demonstra a ninguém os seus sentimentos.

Para commentario uma unica pergunta:

Minha senhora, como é que V. Ex. pôde comprehender uma pessoa que é concentrada e falla muito? Poderia explicar-nos?

* Trataremos em seguida da rosea «Gazeta da Tarde», tão desintere-sadamente panglossiana quando se trata da defeza dos *ferrabrazes* militares.

Na sua chronica theatral de sexta-feira, 19 do mez expirante, diz a sympathica folha:

Coelho Netto actualmente está empolgado pelo theatro: e, ao seu talento extraordinario de artezão da palavra, todas as tentativas serão, finalmente, coroadas de exito.

Será elogio chamar o Netto de artezão? Parece que a palavra ahi está em sentido ambiguo. Emfim pôde ser que não.

Continuemos.

* Vamos entrar agora na imprensa da roça. Conhecem os senhores «A Cidade», da dita de Limeira, Estado de S. Paulo? Certamente, não.

E' um importante jornal do tamanho de uma folha de papel de carta, cuja primeira pagina é occupada com umas «Notas Paulistanas» de um Sr. 2º Mosqueteiro que confessa ter uma mesa em desordem e conhece as coisas portentosas e ignora-das que são o «Le Rire» e «La Revue».

O Ruy, certamente, não tem noticia dessas publicações, mas o Sr. 2º Mosqueteiro as maneja diariamente e, por ter esse habito erudito, em Limeira, adquiriu uma fama estupenda.

Acreditamos, portanto, que foi tão sabio chronista quem escreveu esta pequena noticia na tal «A Cidade», de 17-11-12:

Hontem, na nossa matriz, teve lugar o enlace do Dr. Gustavo Souza, joven advogado, com a gentil senhorita Nair de Toledo, f. f. A igreja foi pequena para conter todos os amantes dos noivos.

Amantes! Os parentes da noiva e o seu já agora marido que tomem satisfação ao escriba sabichão.

* Cá temos mais esta, que é ainda do sabio B. Vianna Junior:

Entre os velhos costumes de Auvergne havia um que ordenava que uma corôa de rosas fosse o unico dote das filhas nobres que tinham herdeiros varões.

Este Vianna é curioso! Antes das taes filhas nobres casarem-se, elle já lhes dá herdeiros varões.

Arre! Que calamidade!

Hortelão



Missiva

«... é certo que te adoro como um louco, e que morrer por ti desejaria, se esta alma escrava conseguisse um dia fazer-se ouvir pelo arcaboço mouco.

Faria mais. (Pois isto tudo é pouco). Um pé de couve-flôr eu viraria e, tu, o caracol que treparia pelo bruto e desguarnecido tôco.

— *Que eu vá á tua casa incontinenti!* Tudo eu faria menos o que pedes, visto que sou amigo do Zé Guedes

que além de teu esposo inda é tenente, e cabra *cuêra*, armado e decidido: —tenho respeito ás *armas* d'um marido...»

Gyl.



O CHAMISCO

ou

O QUERIDO DAS MULHERES

O nec plus ultra da literatura brejeira. De sopilante historia de um conquistador irresistivel. Este bello livrinho contem cinco nitidas gravuras.

PREÇO 1\$500—o—PELO CORREIO 2\$000

Pedidos a A. REIS & C. — R. DO ROSARIO, 99

Telep. 3833—o—RIO DE JANEIRO

O Riso.

Evolução Política e Social

Anda agora tudo preto
Envolvdo na peçonha,
Que faz com que nesta vida,
Já não se encontre a Vergonha.

Vê-se de um lado a Ganancia,
E de outro lado a Cubiça.
Collada vive a Verdade,
Cega, tactea a Justiça.

O desgraçado direito
Anda mesmo até já torto.
Dizem que o pobre infeliz
Anceia já quasi morto.

A meiga e doce Razão
Ja perdeu a côr mimosa
Que reflectia em seu rosto
De tanto andar lacrimosa.

A decadencia é tão grande,
Nos ramos todos da vida,
Que a D. Honra enjoada
Vive ha muito foragida.

O Respeito que era serio
Vive nú completamente.
Porque se sente abafado
Na negra quadra presente.

A virtuosa Moral
Que era toda castidade
Perdeu de todo a pureza
E o brilho da virgindade.

A Miséria é tão patente,
Agora nos nossos dias
Que todas essas virtudes
Soluçam entre agonias.

Na falsa sociedade
Em que só reina a Mentira,
De ser honesto e ter honra
Ninguem trata nem aspira.

No Supremo Tribunal,
No Congresso ou Ministerio,
Ou qualquer Repartição
Ninguem leva a coisa a serio.

Agora o Rei que avasalla
E domina o mundo inteiro
Sem rival que lhe amedronte
E' o Gran Senhor Rei Dinheiro.

E assim na vida actual,
Ter deshonra é ter virtude,
Ser ladrão é ser honesto,
Ter doença é ter saúde.

E viva a Patria querida
Quem mais vive é quem mais come
Nesta terra onde o seu povo
Anda quasi morto á fome.

Florestan

N.º 1 PONTA DE CORTIÇA

FATIMA
EGYPCIOS

CIGARROS
MARCA VEADO

N.º 2 PONTA DOURADA

* * Luxuozamente preparados para o Bello Sexo * *

O PISO

PANTHEON DOS

«IMMORRIVEIS»...



Por um triz que o «Pantheon» ficava hoje com a *porteira* fechada, por falta de candidatos a elle; á ultima hora, porém appareceram os tres que se seguem, salvando assim a situação e fazendo com que a *porteira* lhe fosse aberta...

Sem mais preambulos ahi os apresentamos aos leitores.

Na Avenida

Como se fosse um anjo, uma deidade,
Passou junto de mim num passo breve.
O seu vestido branco como a neve
Dava-lhe um ar assim de puberdade.

Quem é que ao ver tal anjo na cidade
Immediatamente não se atreve
A dirigir uma chalaça leve,
Sem o menor vislumbre de maldade?...

E eu dirigi-lhe essa chalaça. Creio
Não lhe fer dito nenhum nome feio
Porque a diva sorriu e disse após:

—Ora, seu coisa, você está bestando!
Fique sabendo que eu não estou ligando
E que nunca liguei a bororôs!»

JUCA LINO.

E com que cara ficou você, *seu Juca*,
recebendo essa resposta á chalaça que
você lhe dirigiu? Ficou naturalmente com
a cara que tem... isto é, ficou com uma
cara d'asno, não é verdade?...

Agroa, o que nós lhe gabamos é a
pachorra que você teve, de descrever essa
aventura num soneto tão ordinario e tão
cheio de besteiras! Palavra: é pena que
você empregue tão mal o seu tempo,
quando a lavoura está precisando tantos
braços, principalmente para plantar batatas...

Veja agora o leitor a beleza de hortaliça que se segue, e queira avalial-a devidamente...

Supplica

(à Rosinha)
Morena, minha morena
Morena do coração
Porque de mim não tens pena
E zombas desta paixão?

Eu que o teu amor imploro
Soffro tanto que em sei!
Dia e noite em sempre choro
E por certo chorarei.

Não *seijas* assim ingrata
Morena, minha mulata
Minha vida, meu amor!

Será eterna a tortura
Se negares essa ventura
Ao infeliz trovador.»

F. SAMPAIO.

Positivamente você não passa de um palerma muito grande, *seu Sampaio!* e é naturalmente por essa razão que a sua «morena *mulata*» não lhe dá importancia alguma; além disso, você chora noite e dia, e assim sendo, é justo que ella *seija* (como você escreveu) surda aos seus rogos e choramingações, porque não ha de estar pelos autos de aturar chorões.

Tome vergonha, *seu Sampaio!* tome vergonha nessa cara e não chor'isso que é muito feio para um marmanjo como você.

E, cá está, finalmente, o terceiro *Immorrivel*, cuja *credencial* se segue para os devidos efeitos...

Saudade

(Modinha)

Quanta saudade que eu sinto
Lá do meu torrão natal!
É tão grande esta saudade
Que talvez não haja igual.

Tenho saudade do tempo
Em que no campo eu brincava
Alegre e de pés descalços,
Pois era assim que eu andava.

Saudade eu tenho da escola
Aonde o A. B. C. aprendi
E aonde eu pintava a manta
Como um perfeito gury.

Tenho saudade de tudo
Lá do meu torrão natal
Mas eu ei de voltar lá
Por um dia de Natal.»

JOÃO NORTISTA.

Ah! *seu João*, você é a vergonha dos seus conterraneos, palavra! Olhe que até custa a crêr que você escreveu tanta burrice e lhe desse o titulo de Saudade!

Si você voltar ao torrão natal, *seu João*, nunca diga que escreveu essa joça porque arrisca-se a levar uma surra valente!

O PISO

A Miss

Tendo chegado á cidadezinha em que eu veraneava, uma ingleza muito magra, com uns oculos, um alto chapéo de palha masculino, com pequenas abas, sapatos ferrados e vestido de escocsez, resolveu certa occasião pregar-lhe um susto.

Ella affectava uma reserva superior e um desdem de deusa junto de nós. Não nos olhava, quer nos visse no hotel, quer na rua, nos passeios, á margem do rio que banhava a pequena cidade.

Muitos irritavam-se com esses adereços da ingleza. Atiravam-lhe indirectas, diziam-lhe dichotes, mas a Miss fingia não entendel-os e continuava a ler o seu pequeno volume da inevitavel collecção Francknitz.

Certo dia, tendo havido um baile no hotel, um rapaz, cheio de audacia, tirou a ingleza para dansar e de tanto pizal-a, quasi lhe esmagou ambos os pés.

— Ao sentar-se, agradeceu :
— Obrigado, madame (sic).

A miss não se agastou com o tratamento e retrucou :

— Eu agradece tambem você não me esmagar com seus patas.

O rapaz zangou-se, mas nada disse; e mais forte foi em mim o desejo de tomar uma vingança.



Comecei a estudar os costumes da ingleza e notei que a famigerada miss, logo após o jantar, tinha por habito ir passear para o lado da cascata que ficava a quatro kilometros da cidade e em lugar deserto.

Parafusei muito e tomei o meu alvitre. Uma tarde, quando a vi partir para tal lugar, de longe a segui com toda a precaução.

Metti-me pelo matto e a fui seguindo.

Vi-a chegar a borda da cascata, sentar-se a uma pedra, olhar a agua a cahir pelo flanco da montanha abaixo, abysmando-se todo o seu espirito naquelle magnifico espectáculo natural.

O crepusculo ia adiantado. Ouviram-se ainda os ultimos gemidos das rôlas, uma cigarra estridulou e... a ingleza veiu vindo.

Tomei-lhe os passos e gritei com ar de bandido :

— A bolsa ou a vida ?

— Cómo ?

— A vida ou a bolsa ?

E aponte para a altura de sua algibeira. Não sei como entendeu a coisa. O certo é que me fez ver coisa muito diversa de uma bolsa.

A' vista disso, que era bem um cofre, mas sem dinheiro, não resisti e abandonnei os meus propositos de salteador.

Mais uma vez fiz o papel do nosso avô Adão e a Miss o de Eva.

Acabamos e ella me disse, quasi sorrindo :

— Amanhã eu venha aqui; você vem, my love ?

Oié.



Reflexão de uma mundana :

Os alfaiates são bons psychologos: collocam o bolso da carteira junto ao coração.



A primavera e a minha mocidade

A primavera em flor, risonha nasce e cresce
Para espalhar na terra a seiva dos amores,
Enchendo de perfume os corações das flores
Que os mínosos jardins então nos offerece.

E' sempre bella assim, que ella nos apparece,
Surgindo cada vez mais cheia de esplendores.
E' que ella não padece as torturantes dores
Como o pobre mortal que soffre e que envelhece.

Ai, pobre coração saudoso ! quem me dera
Que voltassem de novo os sonhos ideaes
Que outr'ora destructei no Re'no da chiinera !

Voltam de novo ao Céu as nuvens divinaes,
Resurge tudo emfim voltando a primavera,
A minha mocidade é que não volta mais.

Edglobo

Acha-se á venda: **ENTRA, SINHOR!...**

O sensacional romance de actualidades

Preço: 1\$500 * Pelo correio 2\$000

Pedidos a A. REIS & C.— Rosario, 99

O PISO

Uma mocinha honesta

Pintalgado, Bedengosa e Jeriquinha — eis tres nomes singularissimos e nada vulgares, com os quaes vamos ter a honra de nos occupar por alguns instantes.

Pertencia o primeiro á pessoa sizuda e respeitabilissima do dono da casa; o segundo á da gorda e frescalhona sua esposa e o terceiro — ah! o terceiro! — á filha de ambos, uma mocinha extraordinariamente bella, que possuia tambem a felicidade de contar ainda apenas dezeseis refulgentes primaveras.

Pintalgado era official reformado do exercito; orçava pelos cincoenta e oito annos e tinha pela filha uma particular predilecção, aliás, muitissimo natural: era pae, não tinha outros filhos, por isso...



A' d. Bedengosa, os seus quarenta janeiros não lhe permittiam outra occupação que não fosse a de se mirar constantemente ao espelho, endireitar trinta vezes ao dia o penteado nojento e encher outras tantas de pós de arroz de quinhentos réis a caixa, as car-

nes rechonchudas e um tanto rubras do seu rosto redondo como uma lua cheia.

Jeriquinha tinha um arzinho ingenuo, mas como era bella, esse ar que ella herdára de sua progenitora, a qual, quando nova, o possuira tambem, ainda lhe dava maior graça, e servia-lhe perfeitamente de capa de misericordia para encobrir a malicia que nella abundava.

Occultamente, namorava ella o filho de uma viuva sua visinha e era tal a sua sorte nesse ponto que nem mesmo seus paes haviam ainda desconfiado disso. Verdade seja que esse namoro tinha logar apenas no quintal, onde havia uma pequena porta — especie de porta secreta — que dava para o quintal visinho; mas, si se descobrisse e se fosse a reparar no tempo sem conta que a menina passava no quintal sem ser vista, certamente se haveria ao menos de desconfiar de alguma coisa.

Ella, porém, era tão ingenua, coitadinha! Tinha uns modos tão simples e tão frios!...

E quem gosava com isso era o namorado, o travesso Julião, que, não sendo descoberto nem temendo sel-o, dadas as supposições que fazia e a conta em que tinha os paes da moça, ia explorando manso, mas proveitosamente o terreno bellamente conquistado.

Certa noite, porém, o castello desmoronou-se, ou antes, não se desmoronou: o namoro foi descoberto, mas foi como si o não tivesse sido, porque tudo ficou como de antes.

Jeriquinha ia ver o seu pequeno todos os dias, ou melhor, todas as noites por volta das sete horas, e ficava a conversar com elle ás vezes até ás nove. Logo que a familia acabava de jantar e se levantava da mesa (seis horas e meia, pouco mais ou menos) a menina pretextando somno, dava as «boas noites» a seus paes e a quem estivesse e recolhia-se ao seu quarto de dormir. Mas não se deitava! Esperava que tudo socegasse e, pé ante pé, sahia do quarto, descia as escadas e ia até ao quintal — até á portinha, onde já encontrava, muito risinho, o namorado, qua a recebia com um beijo quente, assaz voluptuoso, que com muita graça lhe sabia depor nos labiozinhos rubicundos, muito seductores.

Ora, uma noite, d. Bedengosa tendo, não sabemos por que artes diabolicas, descido ao quintal, ouviu um sussurar de vozes que se iam tornando a pouco e pouco mais distinctas, ao passo que ella caminhava ao longo de uma alameda florida. Reconheceu facilmente numa dellas a voz da filha e parando a poucos passos do amoroso par, occulta por uns arbustos de densa ramagem, resolveu-se a escutar aquelle dialogo interessantissimo, que lhe trouxe á memoria doces e saudosas reminiscencias do tempo em que tambem foi moça... e vaporosa.

Sejamos agora nós, leitor, um bocadinho indiscretos e ouçamos tambem esse dialogo:

.....

— E' muito bõim, sim, filha — dizia uma voz um tanto grossa que, naturalmente, era a de Julião. Nem tu podes imaginar quanto é delicioso.

— Deve ser muito, pois não deve? — perguntou então Jeriquinha, com a sua vozinha bem timbrada. — A julgar pelo que temos feito...

— Ora! o que temos feito não é

O Piso

nada á vista do que hoje te proponho...

— Como sabes ?

— Ora essa ! Então eu quando era creança não fazia isso tantas vezes ?

— Tu ? ! A ti mesmo ? !

— Que queres, filhinha ? Eu era rapazola, não tinha ainda namoradas ; e mesmo que as tivesse de nada me serviria porque não sabia então dar-lhes o devido apreço.

— E como era que tu fazias isso ?

Como todos fazem. Olha, queres ver ? Deixa ver a tua mãozinha.

Seguiu-se a estas palavras um curto silencio. Certamente, Jeriquinha fizera-lhe a vontade, porque dahi a pouco perguntava :

— Então é assim ? Tão facil !

— E' facil, mas é bom. Queres que eu te faça tambem ?

— A mim ? ! Mas como ha de ser, si eu não tenho... ? !

— Ah ! isso não quer dizer nada... Eu te vou mostrar.

Seguiu-se novo silencio ; desta vez mais longo. D. Bedengosa, com o pescoço esticado, os olhos muito abertos, parecia querer ver tambem aquella scena que devia ser ainda mais interessante que o dialogo.

A voz de Jeriquinha fez-se ouvir outra vez, numa exclamação abafada :

— Ju... li... ão...

— Je... ri... qui... i... nha, meu... a... a... mor...

.....

Não podemos ouvir mais, leitor ; d. Bedengosa esbugalhou ainda mais os olhos, ao ouvir as exclamações dos dois amantes, esticou quasi outro tanto o pescoço, benzeu-se com a mão canhota e depois disto tudo largou a correr para casa. Entrou no quarto, tirou rapidamente todas as roupas que tinha sobre o corpo e mettendo-se na cama, principiou muito alegre... a fazer coegas ao marido, que já se achava deitado e começava a resomnar.

Vinte minutos depois, Jeriquinha, cautelosamente entrava no seu quarto e, muito descansada, mettia-se tambem entre lençóes.

* * *

Ao dia seguinte, logo pela manhã, reparando na pequena que, como de costume, vinha pedir-lhe a benção sempre de olhos baixos e modos acanhados, dizia Pintalgado á esposa, como fazia sempre que lhe dava na veneta :

— Que anjo de candura ! Que ingenuidade ! Quem a levar por esposa ha de poder gabar-se de ir perfeitamente servido. E' um monte de innocencia...

— E', é — affirmou então cynicamente a mulher, a d. Bedengosa. — Posso até te garantir que ha de haver poucas, muito poucas como ella...

José Antonio.

Segundo noticias vindas de Alagôas, o povo daquelle estado está muito saudoso dos Maltas.

Ha mesmo uma velha doida que repete : depois de mim virá etc.

— Diabo ! Tu queres hoje vinte mil reis... Noutro dia, acceitaste dez.

— E' porque chovia muito. Quando isso acontece, o preço baixa.



O pequeno (sem malicia)—Porque é que o gatinho de Lizinha fica com a bocca aberta, quando está perto de seu Fagundes ?...

Ella—
Elle—

ALBUM I SÉRIE

Linda e deslumbrante collecção de oito vistas dos mais bellos paizes da Conchinchina
PFEÇO \$600 —o— PELO CORREIO 1\$000
Pedidos a A. REIS & C.—R. DO ROSARIO. 99
Telep. 3833 —o— RIO DE JANEIRO



Tonico, Camargo e o amor

O Tonico estava no seu modesto gabinete apreciando a deliciosa leitura de um dos livros de Esdrich, quando entrou pela porta a dentro o seu amigo Camargo que lhe saudou com estas palavras:

— Então, *seu* Tonico, como vamos de amores?

— Bem, muito bem, apesar de não ter ainda encontrado quem me quizesse amar com o verdadeiro amor, pelo qual eu suspiro ha tanto tempo.



— Ora, criança, pois, não vês, que o amor verdadeiro é coisa que não existe, nunca existiu e jamais existirá.

— O' Camargo. Segue tu o teu ideal, eu seguirei o meu. Não acreditas no amor? Estás no teu direito. Eu penso de outro

modo. Eis ahi.

— Mas vem cá, Tonico. Não é meu desejo molestar a tua sensibilidade affectuosa. Não. Apenas queria, isto é, desejava que comprehendeses como eu a significação lata da palavra — amor — e mais nada.

— Olha, meu amigo, perdes o teu tempo precioso, o teu latim e os teus conselhos. Eu não modificarei a minha crença. Sendo idealista, não posso aceitar o teu pessimismo.

— E se um dia eu te provasse que o amor é uma palavra vã, confeccionada unicamente para embellezar o vocabulario humano?

— E onde encontrarias tu essa prova, se contra ella eu posso apresentar-te já e já uma infinidade de exemplos, em favor do amor.

— Extrahidos de fabulas, lendas romanescas, talvez...

— Enganas-te, tirados da vida real, da humanidade, do mundo...

— Não pôde ser. Com certeza foste desenterral-os nas «Mil e Uma Noites».

— Pode. Oiça. Que foi que Jesus Christo praticou no mundo? Não foi o amor e sómente o amor?

— Sim. Mas não fалlemos de Christo.

— Bem. E o grande amor de Margarida Gautier?

— Ora, o amor de Margarida, coisas de romances...

— Está bom. Já vejo que não que-

res comprehender o alcance das minhas palavras.

— E' assim mesmo. Colloquemos uma pedra em cima desta questão inutil.

— Pois bem; mudando de assumpto, queres ir conmigo amanhã almoçar em casa de uma rapariga que festeja o seu anniversario? Chama-se ella Julia.

— Não haverá inconveniente?

— O' nenhum, pelo contrario, ella estimará até muito, porque quando ha festa em seu palacete mimoso, gosta de ver muita gente.

— Então, aceito o teu convite. E' bonita a rapariga?

Se fosse feia eu não sahiria de casa. Vamos, não te arrependerás.

Estamos combinados. Até amanhã, disse o Camargo levantando-se.

— Até amanhã, respondeu o Tonico, acompanhando o amigo até a porta da rua.

.....

Na noite seguinte, cerca de 10 horas os dois amigos entravam no palacete de Julia, e depois dos cumprimentos e apresentações, cada qual tratou de divertir-se a seu modo.

A festa foi uma coisa deslumbrante, e afinal de contas, lá para as quatro horas da madrugada o baile terminou.

E tanto o Tonico como o Camargo ficaram apaixonados pela dona da festa, e ao sahirem daquellê encantador palacete, estremeceram, porque sentiam que levavam dentro dos respectivos corações a seductora e formosa imagem de Julia.

Mas nenhum delles tinha conhecimento da paixão que a ambos prendera ao mesmo tempo.

O Tonico chegando em casa, nem pode dormir, impressionado com o encantamento de Julia. Só conseguiu pegar no somno de manhã quando o sol já vinha surgindo.

Por volta das 3 horas da tarde elle acordou, levantou-se, banhou-se, almoçou e sahiu. Foi direitinho ao palacete da rapariga que lhe bolira no coração. Ia perfumado e levava um grande e bonito «bouquet» de flores. Ao entrar na sala de espera ficou estupefacto porque o seu amigo Camargo estava ali sentado. Assim que a criada veio, elle entregou as flores e o seu cartão, pedindo-lhe que lhe annunciasse a d. Julia.

Dahi a pouco a criada voltou e perguntou:

— Quem é o *seu* Tonico?

— Eu, disse o Tonico ruborizando-se todo.

O PISO



— Pois a patrôa manda dizer que não vive de flores — e voltando-se para o Camargo disse: O senhor, sim, pôde entrar.

.....
O pobre Tônico ficou enfiado. Passados 3 dias, uma noite, elle foi procurar o Camargo.

— Que diabo arranjaste para conseguires tão depressa o coração daquela mulher?

— O amor, meu amigo.

— Bem. Então, já acreditas no amor, não é assim?

— Qual amor, nem meio amor.

— Então que foi que fizeste para conquistal-a tão rapidamente.

— O que tu deves fazer também, apesar da tua belleza de moço. A coisa é pratica. Não viste como eu entrei logo, apesar da minha fealdade.

— Mas o que foi homem de Deus?...

— Simples. Em vez de levar flores como tu, levei um collar de diamantes que é a chave com que se abre a porta do Reinado do amor.

Esculhambofe.



O VELHO — Você chega assim, de repente...

ELLA — Porque? Precisava prevenir...

O VELHO — De certo. Um homem prevenido vale por dois... Na minha dade...

ALBUM III SÉRIE

A mais recommendavel collecção de raridades. Os mais arrojados e os mais violentos golpes de lucta romana. Tudo quanto ha de mais instructivo.

PREÇO 1\$000 —o— PELO CORREIO 1\$500

Pedidos a A. REIS & C. — R. DO ROSARIO 99

Telep 3803 o RIO DE JANEIRO

O Riso

Premières

*O CASAMENTO NA ALDEIA—
opereta em dois actos, poema e mu-
sica do maestro Brito Fernandes.*

Procurando variar quanto possivel os seus espectaculos, fez a empresa do «Cinema-Theatro Chantecler» levar á scena, terça-feira transacta, a interessante opereta *O casamento na aldeia*, que devia ser exhibida conjuntamente com a opereta intitulada *O delegado da zona*, prohibida á ultima hora pela policia, não obstante ter sido «visada» pela policia, na pessoa de seu legal representante...

Mas... deixemo-nos de commentarios inuteis e digamos da peça, que foi caprichosamente montada e honestamente interpretada pelo conjuncto do «Chantecler», cabendo a todos, sem distincção, os mais justificados applausos que a platéa, embora diminuta, lhes soube dispensar fartamente.

E' deveras para lamentar que o publico não corresponda, como deveria, aos esforços da Empresa Julio, Pragana & C.^{ta}, e bem assim aos esforços daquelles artistas que sob a direcção de Germano Alves, tão bons espectaculos proporcionam. **D. J.**



— O Marechal foi promovido a fundador da Republica.

— Depois que elle é presidente tem todas as qualidades. Até é *ponitinho*.



CONFISSÃO

Que dirias de mim, si eu desvendasse
O que se esconde no meu coração ?
Si desagrado houvesse, o teu perdão
E' mais que certo que eu jamais lograsse.

Que dirias depois si eu revelasse ? !
Eu sei, eu sei, a tua compaixão
Faria que a minh'alma andasse em vão
Louca a buscar essa visão fugace.

Esse mysterio que me prende tanto
Ao meigo ancio do meu sonho lèdo.
Tem a doçura do perfume santo.

E assim, meu anjo, o divinal segredo,
A que estou preso pelo doce encanto,
Eu não te conto porque tenho medo.

Florestan.

Supposições

Larga o emprego, contente, o bom Justino,
Ligeiro corre a casa p'ra jantar.
Encontra, oh ! céos ! no quarto, um libertino,
Deitado com a mulher ! E' de pasmar !

Lança a mão d'um revolver pequenino.
Quer varrer a deshonra do seu lar ;
Por um triz perde a fala, perde o tino,
Querendo a infame esposa liquidar.

Vendo do esposo a tetrica figura,
Tenta a mulher, com geito desculpar,
Se deu tão forte golpe na virtude.

—«Calma, calma, Justino, e me perdoas.
Tem paciencia, eu pensei que o verbo amar,
Pudesse *conjugar* nas tres pessoas.»

Dom Perninhas



Elle—Juro como serei eternamente
seu escravo; como trarei sempre minha
bolsa aberta a seus caprichos e, como me
conservarei sempre humilde e curvo a
seus desejos.

Ella—Apenas acredito na ultima das
promessas; mesmo porque...



ALBUM IV SÉRIE

A' VENDA

Detalhada collecção de vistas dos paizes
mais adiantados do mundo. Lindas photogra-
phias do inferno, tiradas do natural.

PREÇO 1\$000 —o— PELO CORREIO 1\$500

Pedidos a A. REIS & C.—RUA ROSARIO, 99

Telep. 3803—RIO DE JANEIRO

O PISO

FILMS... COLORIDOS



Segundo nos informou um a má lingua renitente, a Angelina 606 pretende vender a mobilia tomada á Gina por conta de uns alugueis, afim de adquirir uma nova com o producto dessa venda e com a ajuda das *mascottes* arranjadas por *cerzinha*...

Mas que des- espero não irá

dar a ex-Lingua de Segra, quando vir aqui descoberto o seu plano!

—Disse-nos o Natal Kiosqueiro que a Julia Cançonetista não tem mais atravessado o largo do Rocio, pela madrugada, em direcção á rua Barbara de Avarenga, puxando o chapéu para os olhos, afim de não ser vista por alguém...

O Natal descobre coisas, caramba!

—Contou-nos a Concha Demonio Secco do S. José, que a sua collega Ida Nariz Postiço fez uma *tourada* com a Luiza Lopes, por causa do Figueiredo, acabando por arrancar-lhe os *chi-chis*...

Uê! então o Figueiredinho já é motivo de briga entre mulheres?!...

—A Adelia Bocca de Arraia, do S. Pedro, diz que a *molestia* da sua collega Rosa foi um bom plano para faltar aos espectaculos de domingo ultimo, para melhor fazer uma «farra» que tinha combinado.

Por ahí se vê quanto póde o despeito da Adelia!

—Garantiu-nos o Doniques que o *aqueitor* Prata depois que assistiu aos «1400», no Rio Branco, só tem querido jogar no *primeiro* tableau...

O camarada que tome cuidado e não se metta em *funduras* porque póde sahir-se mal...

—Contou-nos a Trindade Zaz-Traz que a Luiza Lopes lhe dissera haver o papá do seu *amiguinho* lhe pedido para que não deixasse o rapaz ir com muita sede ao pote... visto estar muito fraco e não poder fazer tal *sacrificio* mais de duas vezes por semana...

Que gentinha linguaruda, safa!

Pelo que nos disse o viuvinho Tobias, o João Gamalhães está precisando fazer uso das injeções de *Mucusan*, por causa de um *esfriamento* que apanhou no porão do S. José...

Ahi está o resultado das *sessões* realizadas pelo Armando!...

O Natal Kiosqueiro diz que o pessoal do Rio Branco ficou alvoraçado com a nota que aqui demos, da proxima *degolla* que ali vaee haver.

Aguentem-se no balanço, camaradas!

—Muito em segredo disse-nos a Rosa Bocca de Sopa, do S. Pedro, que a Angelina 606 do S. José terá em breve de chegar a vias de facto com uma *sympathica* e insinuante collega de outro theatro, a qual jurou arrancar-lhe dos braços o *fiscal dos vehiculos*...

Dizem que isto é *do mundo*... mas a Angelina que se prepare para dansar de ve'ha...

Operador.



Entre «ellas».

— Como vaee tu com o teu *chauffeur*?

— Não estou contente.

— Porque?

— *Anda* muito depressa.



— O Irineu Machado quer uma escola de tiro na Camara?

— Para que?

— Para quando houver *turumbamba* não aconteça que os deputados atirem o que viram e matem o que não viram.



— Quem é o autor do «A ferro e fogo»?

— E' o Franco Rabello.

Acha-se á venda o

ALBUM IV SERIE

PREÇO : 1\$000

PELO CORREIO : 1\$500

Pedidos a A. Reis & C.—Rosario, 99

O Riso

BASTIDORES



Foi, como não podia deixar de ser, um verdadeiro pagode o embarque do *mambembe* da «Rua dos Condes» para S. Paulo! E não foi só pagode: foi uma grande vergonha o que fez o pessoal, na *gare*, onde se desenrolaram scenas d'alto lá!...

Aquillo foi simplesmente uma amostra do *respeito* que impõe o

novo director e ensaiador...

—E até hoje a Victoria não conseguiu *ver* as bichas que o Candinho lhe prometteu..

Ora, *seu* moço, o promettido é devido.

Tanto chorou a Marietta por occasião de embarcar, que alagou por completo o lugar em que esteve parada...

Houve até quem julgasse ter a *zinha* feito pipi!...

—Consta haver sido encomendado, na Italia, um sacco de voz s para diversas *cavalheiras* do Apollo e S. Pedro.

Desta vez o Lino dos «Typos» teve *piada* com a piada...

—O galã Palmeira é que não quiz saber de historias e foi munido de um pão de 400 réis, para comelo durante a viagem.

A Constança que não se fie em cantigas e trate de espreitar a Augusta, que continúa a chegar-se ao *rego*...

—Antes de embarcar para S. Paulo, o «cómico» Leonardo Nanette Fiteiro de Souza metteu proposta para socio da Liga Monarchica D. Manoel.

Mas... esqueceu-se de fazer *outras coisas*... e agora anda uma porção de gente a incomodar o Leonardo Fandaguassú, no S. Pedro.

—Para que diabo levaria a Sylvina Poste da Light a machina photographica?

Naturalmente para que a *photographem* lá por S. Paulo...

—O João Silva diz que não foi porque tem juizo e não estava para morrer doido no meio daquelle pessoal.

Com o *ponto* Celestino a dirgir *aquillo*, então, nem com um conto de réis elle ia...

—Mas os senhores não nos dirão mesmo onde está a graça do Justino Marques?

—O tenor Carvalho prometteu não filar mais cafés nem pastilhas á Emma de Souza.

Elle prometteu, diz o Raul, mas não cumpriu a promessa...

—Que instrucções estaria o Paschoal a dar ao Ferreira d'Almeida, no dia do embarque?

Só si era para o pôr no lugar do *grande* director Celestino, que até quasi á ultima hora não apparecia com a presumida da Celestina.

—Imaginando que em S. Paulo não havia tal medicamento, o Vasque Pasita encheu a mala de *Mu-usin*.

Pois fique sabendo o *galão* que ha tambem por lá esse maravilhoso *curaesfriamentos*...

—E não é que a corista Marcellina, com as suas *p'eguices* com o Veiga, tem feito um ciume dos diabos á Davina?

Tambem o Veiga tem a man'a de querer ser «vassoura»...

Afinal, a Tina é a menos culpada...

O Raul, sim, é que merece ser castigado pela *sacrificada* Zazá.

—A Cordalia foi muito satisfeita com o «Cordão», mas... muito triste por não ir acompanhada por um dos *Lords*...

Um doce a quem descobrir qual delles é.

—A Maria das Neves tambem fará de *tia* lá pela Paulicéa?

Verdade é que a Sylvina e a Marietta tambem foram, e podem perfeitamente substituir a Amor Sem Olhos...

—E' hoje que o já popular e estimado actor Alberto Ghira realiza a sua festa no S. Pedro, onde tem feito as delicias dos espectadores, que se não fartam de o applaudir todas as noites.

Ghira escolheu para a sua festa a revista *Agulha em palheiro*, em que faz o celebre policia «123», e por ahi se avalia o que vae ser a noite de hoje no S. Pedro!

Pela nossa parte desejamos-lhe toda sorte de felicidades.

Formigão.



Au Bijou de la Mode — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhores e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.663.



SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO VI

Duas horas antes do jantar, voltávamos de novo ao campo, seguíamos principalmente as margens do Cher, divertindo-nos a assustar as rãs, que saltavam na água ao ruído dos nossos passos. À noite, víamos as trevas envolver a natureza no mysterio e na calma, e deitávamo-nos depois de haver saudado as estrellas, Regularmente, antes de adormecer sacrificávamos ás divinas exigencias da carne.

Só no leito, Marcella readquiria a sua confiança. Como estava quasi nua, parecia ter reconquistado a força, a força da sua belleza quando se chegava muito para mim, a cabeça no meu peito, apertando-me nos seus braços adoraveis e frescos; tornava-se a amante dominadora, eu o seu escravo passivo e domado: sentia que lhe pertencia, aos seus olhos voltavam a candura e o orgulho naturaes, e eu amava-a, abraçava-a, possuía-a com a terna violencia do amante no auge do gozo; encontrava para a commover palavras encantadoras que teria sido incapaz de proferir durante o dia; tinha a certeza que a minha felicidade era completa; e, repousando os meus olhares nas recordações do passado, via que o presente era igual, tão meigo e tão sincero como aquella inolvidavel primeira noite em que Marcella se me entregara.

E adormecíamos, vibrantes ainda das sensações que nos tinham abalado os nervos, as mãos mal terminando uma grata carícia, os nossos labios levemente desunidos.

Infelizmente, ao despertar, reconhecava a comedia da vespera.

Uma tarde, nos ultimos dias de Outubro, estávamos sentados ao sol, um verdadeiro sol de verão, á beira do rio adormecido entre as duas margens cheias de juncos; víamos, em silencio, a água, esverdeada, pelas algas que vegetavam no fundo, deslisar com o vago ruído dos rios que quasi não tem corrente.

Marcella, meio deitada sobre a relva,

numa linda attitude, pareceu-me extraordinariamente seductora. Senti o desejo louco de a beijar, de a possuir no silencio daquelle dia de outomno. Não passava ninguém. Achavamo-nos completamente sós.

Às primeiras caricias, Marcella ergueu-se e vi brilhar-lhe nos olhos a expressão receiosa que tanto me inquietava e enraivecia.

—E's tola? exclamei.

Marcella afastou-se alguns passos.

Sentia-me afflicto, triste; e olhando o rio profundo, occorreu-me a idéa de ir ali buscar a morte, a morte que consola.

Mas um gesto de Marcella afastou esse absurdo pensamento.

—Vem cá; é ridiculo, o que estás fazendo. Porque é que tens medo?

A minha amante não respondeu mas recusou-se a dar um passo.

—Vem cá, — tornei. Será realmente verdade que tenhas medo de mim?

Em vez de se approximar ou responder, sorrindo todavia, foi se afastando cada vez mais sob pretexto de colher uma dessas pobres margaridas que o outomno ainda deixa florir:

Marcella! Quero que venhas aqui!

A joven parou.

—Repito: quero que venhas aqui!

Nem uma palavra; fugiu aavez dos campos.

O que se pasou em mim? Não posso dizel-o. Corri em sua perseguição e, depressa a alcancei.

Toquei a Marcella, e soltando gritos terriveis, que bem traduzia o custo que a invadia, como se julgasse que em fosse fazer-lhe mal, matal-a talvez.

Os seus olhos espantados, muito abertos, aterrorisados, fixavam-me com medo, enquanto continuava a gritar com toda a força.

(Continúa.)



A SAÚDE DA MULHER



O Bromil

é o grande remédio para as molestias do peito, MAIS DE 400 MEDICOS attestam a sua prodigiosa efficacia nas bronchites, na roquidão, coqueluche, asthma e tosse.

O Bromil é o melhor calmante expectorante

A Saúde da zzz Mulher zzz

é o regulador do utero: facillita as regras, atenúa as collicas, combate as hemorrhagias, allivia as dôres rheumaticas e os Incommodos da idade critica.

